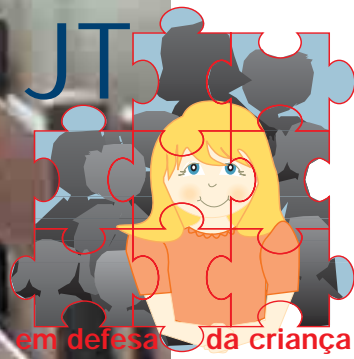


Só na Capital, entre 4.000 e 4.500 crianças vivem afastadas dos pais pela Justiça. A surpresa, mais do que nos números, está nos motivos das separações: metade foi entregue pela própria família, que não tinha condições financeiras de criá-las. A outra metade sofreu agressões ou foi vítima de negligência. Por Daniela Tófoli



Fotos de Évelson de Freitas/AE



Longe de casa

Eram nove filhos. Uma verdadeira escadinha. O mais novo, ainda no colo. O mais velho, com 14 anos. Todos magros, esfarrapados, de mãos dadas e olhares assustados. Chegaram com os pais e ouviram da boca deles que não eram mais queridos. Não por falta de amor, mas por falta de dinheiro. Sem conseguir alimentar e cuidar de todos como deveriam, os pais resolveram entregá-los à Justiça. Talvez o Estado, ou alguma outra família, pudesse dar um futuro decente às crianças. O juiz não tinha o que fazer. Aceitou o pedido e encaminhou os irmãos para um abrigo.

Metade das crianças que está separada dos pais pela Justiça na Capital foi entregue pelas próprias famílias. Elas não sofreram nenhum tipo de violência física nem se tornaram vítimas de negligência. Mas foram rejeitadas e hoje vivem longe de suas casas. A Prefeitura e o Tribunal de Justiça estão terminando um levantamento que apontará exatamente quantas estão afastadas das famílias por decisão judi-

da criança na parede tentando fazê-la parar de chorar." Mas ainda viu mais: encontrou irmãos trancados em casa vivendo à pão e água e bebês com febres de 40 graus largados pelas mães.

Denunciados por vizinhos, escolas ou hospitais, esses pais são processados e em quase 100% dos casos perdem a guarda dos filhos. Nunca mais podem vê-los. "Pai não tem nenhum direito. Só tem obrigação. E é seu dever cuidar das crianças com responsabilidade", afirma o juiz da Vara da Infância e da Juventude de Pinheiros, Rodrigo Enout. "Se não fazem isso, perdem o poder pátrio e não têm o direito de pedi-lo de volta."

Órfãs de pais vivos, as crianças são colocadas para adoção e ganham uma nova família em 60% dos casos. Quanto mais novas e menos irmãos elas tiverem, mais chances têm de ser adotadas. "Procuramos manter o grupo de irmãos sempre juntos, seja no abrigo ou no lar adotivo", explica Lia. "O problema é que há famílias muito grandes."

Mas as histórias de horror se transformam em contos de fadas de vez em quando. Em 1998, cinco irmãos foram retirados da mãe, uma traficante de drogas que os espancava diariamente. A mais velha tinha 9 anos. Depois vinham os gêmeos, de 6, uma menina de 5 e um menino de 4. Na França, duas irmãs resolveram adotar a família. Uma ficou com os gêmeos. A outra, com os caçulas. A mais velha não pôde ir porque não era 16 anos mais nova do que os pais adotivos, como exige a lei.

A menina, no entanto, ganhou duas mães à distância que escreviam, mandavam fotos e pagavam aulas de francês. No ano passado, quando fez 14 anos, conseguiu autorização da Justiça e foi para a França estudar com os irmãos. "Esse foi um dos casos que tiveram final feliz", diz Lia. "Quem dera todos fossem assim."

Grande parte das histórias de filhos separados dos pais é carregada de diversos traumas. Além de todo o sofrimento dos maus-tratos e de ter de sair de casa, os processos demoram. Pode-se levar mais de um ano para definir onde

e com quem os menores ficarão. Antes de mandá-los para um abrigo, a Justiça tenta encontrar algum parente que tenha condições de manter sua integridade, explica Enout. O problema é que, muitas vezes, avós e tios já cuidam de várias crianças.

Mantidos pela Prefeitura, pelo Estado ou por entidades assistenciais particulares, os abrigos precisam funcionar como um verdadeiro lar. Devem cuidar da saúde, da educação e do lazer das crianças, com a maioria das vezes precisa também de acompanhamento psicológico. "Essas crianças sofrem de um grande complexo de rejeição e precisam de atenção especial. Muitas delas são frutos de gravidez indesejada e não sabem o que é carinho", lembra Lia. "Nem todas as mães amam seus filhos."

A 'grande família' do Morumbi

As gargalhadas, os brinquedos e os desenhos não deixam dúvidas. No casarão do Morumbi, na Zona Sul, moram muitas crianças. É um entra-e-sai sem fim. Enquanto uma turma volta do colégio, outra está indo para a aula de música e mais uma para o dentista. Na casa, os menores brincam no parquinho enquanto os mais velhos fazem a lição. São 60 crianças entre 2 e 15 anos morando juntas. O que quer dizer 60 escovas de dente, 100 quilos de roupa lavada por dia e 8 quilos de arroz em cada refeição.

A grande família vive no Lar Escola Cairbar Schutel que, como em toda casa, tem regras bem claras. Quem for mal na escola, brigar com os irmãos ou fizer bagunça à noite, leva bronca e fica de castigo. O cigarro é proibido e os namoros, acompanhados pelos "pais" atentos. "Nossos adolescentes estão na fase da paquera, mas se alguma for para a frente, os namorados vão poder vir aqui para conhecermos", garante Luiz Roberto Andreotti, supervisor-administrativo e um dos pais das crianças.

Além dele, uma assistente social, três educadoras, seis funcionários e dezenas de voluntários tomam conta da turma. Trabalho é o que não falta. A cozinha, por exemplo, funciona o tempo todo. O café da manhã vai das 6h às 8h porque cada turma entra na escola em um horário. Já o almoço começa às 11h para os pequenos e só termina às 14h, com os adolescentes. Mas às 15h já tem início o lanche da tarde. Para não sobrecarregar muito os



Fotos: Évelson de Freitas/AE

No Cairbar Schutel, cada criança tem seu horário de estudos. As mochilas ficam em uma grande caixa de madeira e a organização é mantida até na hora de escovar os dentes



funcionários, as crianças também ajudam. Divididos em escadas, um grupo varre o refeitório enquanto outro lava a louça. Há também os que arrumam os dormitórios e aqueles que recolhem as roupas.

Também como em toda família, cada um tem seu álbum de fotos e sua festa de aniversário, além de

momentos de colo e de conversa. "A gente procura sempre ouvir o que cada um tem para contar, se percebemos que alguém está mais tristonho, damos uma atenção especial", conta Luiz Roberto. Uma vez por semana, de 3 a 5 crianças vão almoçar no

shopping com um dos funcionários e, aos fins de semana, toda a turma vai passear nos parques.

Mas é claro que um abrigo com 60 crianças não pode ser igual a uma casa com três filhos. Afinal, são 60 lições de casa para acompanhar todos os dias e 60 copos de leite para preparar todas as noites. Para facilitar o trabalho, algumas particularidades chamam a atenção de quem vai ao Cairbar Schutel. No refeitório, uma lousa mostra a agenda do dia de cada criança. Lá estão os horários do curso de capoeira ou do psicólogo.

Nas salas de lazer, cada uma tem seu caixote onde os brinquedos ficam guardados e, no salão, Luiz Roberto construiu uma enorme caixa de madeira. É lá que ficam as 60 mochilas. Os mais velhos cuidam dos mais novos: arrumam o lanche, penteiam e ajudam nos primeiros dias, que são os mais difíceis.

Na segunda-feira, Natacha, 4 anos, tentava se acostumar com a nova casa. Há uma semana no abrigo, toda vez que alguém falava em ir para o dormitório, chorava e esperneava. Por algum motivo, ela não gosta de ir para o quarto e só chega até lá no colo de um adulto. "A mudança é complicada e, por isso, todo carinho é pouco", diz Luiz Roberto. "Para tornar tudo mais difícil, nunca sabemos por quanto tempo elas estarão conosco."

As crianças podem ficar só alguns meses e voltar para as famílias, mas grande parte mora lá por anos. "Há quem já esteja aqui desde 94", conta. "Eles acabam se tornando nossos filhos de verdade."

Em quase 100% dos processos por maus-tratos, os pais perdem a guarda dos filhos



cial e quais os motivos. A estimativa é de que sejam entre 4.000 e 4.500 menores de 18 anos.

Sem condições financeiras de criar tantos filhos, pais batem diariamente nas portas de juizados e fóruns. Contam que não têm como comprar comida, que no barraco não há espaço para todo mundo, que não conseguem vagas em creches. Algumas vezes, são mesmo levados pela necessidade e sofrem ao ter de deixar as crianças. Outras, sequer demonstram afeto. De uma forma ou de outra, essas crianças estão quase condenadas. Como seus pais, na maioria das vezes, permanecem com a guarda ao entregá-las, elas não podem ser adotadas e começar uma vida nova.

Começam uma vida diferente. Em grandes lares, ganham 40, 50 novos irmãos e meia dúzia de

mães que se revezam. Nelles continuam recebendo a visita dos pais biológicos e ficam até que a família volte a ter condições de criá-las ou que façam 18 anos. Muitos dos novos irmãos, no entanto, não podem mais ver os parentes. Vítimas da violência, da negligência ou do alcoolismo dos pais, eles foram retirados da família porque corriam perigo. Foram torturados, espancados ou abandonados. Alguns, quase mortos.

As histórias de horror são muitas. Desde 1988 atendendo denúncias de crimes contra crianças, Lia Junqueira, coordenadora do Centro de Referência da Criança e do Adolescente (Cerca), coleciona casos que chocam. "Já vi de tudo: de pai que arrancava dente por dente do filho usando alicate para vê-lo sofrer até mãe que batia a cabeça



APAIXONADA PELOS MUITOS IRMÃOS

Três cremes para o corpo, brincos, batons, acessórios para o cabelo. O armário de Gleyce, 12 anos, não nega: ela é mesmo vaidosa. Gosta de andar arrumada, de cantar no karaokê e de bater papo com as três melhores amigas durante a noite. Mas de dia, prefere a companhia das crianças. Gleyce toma conta dos pequenos quando não

está na escola nem nas aulas de capoeira e ajuda a fazer do Cairbar Schutel uma família especial. "Estou aqui com meus dois irmãos desde os 7 anos. Minha mãe tinha uns ataques e enlouquecia. Daí, viemos para cá", conta. "Gosto muito da minha casa. Mas o melhor de tudo é poder ter um monte de irmãos", afirma a pequena.



SONHANDO COM A SELEÇÃO BRASILEIRA

Todo fim de semana, Renato, 14 anos, veste o uniforme completo, calça a chuteira nova e vai para o treino de futebol. Um dia, que ser como Luís Fabiano, o atacante do São Paulo. "Faz dois anos que jogo. Adoro futebol desde pequeno e talvez no futuro eu possa ir para a Seleção Brasileira." Quando não está em campo, Renato se diverte

no videogame ou brinca com seus quatro irmãos. Desde 1999 no Cairbar Schutel, o menino não reclama da rotina do lar. "Faço meus deveres e tenho muitos amigos, mas o que mais gosto mesmo é da comida", conta. "Quando tem arroz, feijão, farofa, salsicha e ovo, tudo junto, com refrigerante, faço a festa. É uma delícia."